

O mosaico luso-romano da Póvoa de Cós⁽¹⁾

Por

IRISALVA NÓBREGA MOITA

Este mosaico foi encontrado por acaso, em Abril de 1902, a 80 cm de profundidade, quando da plantação de uma vinha na propriedade de Joaquim Neto Pires, em Pedrógão, freguesia de Cós, concelho de Alcobaça.

Conhecedor do facto, o prior do Valado, Poças Júnior, logo o transmitiu a Vieira Natividade. Este entra em negociações com o proprietário a fim de o adquirir para o Museu de Alcobaça, projecto de que teve de desistir, devido à soma exorbitante que lhe fora proposta⁽²⁾. Falhadas as negociações, Vieira Natividade que desejava acima de tudo a conservação do monumento, dirige-se ao Conselho Superior dos Monumentos Nacionais, ao mesmo tempo que se punha em contacto com a direcção do Museu Etnológico⁽³⁾.

Várias cartas e telegramas foram trocados entre Vieira Natividade e Leite de Vasconcelos, mas, apesar da campanha desenvolvida pelo ilustre fundador do do Museu de Alcobaça para a salvaguarda do precioso monu-

(1) Para a elaboração desta monografia, além das notícias publicadas no Arq. Port., vol. VIII, pág. 146 e em «Religiões da Lusitânia», vol. III, pág. 177, servimo-nos de vários apontamentos, cartas e telegramas existentes no Museu Etnológico entre os papéis do Dr. Leite de Vasconcelos: um longo relatório de José Carvalhais, uma pequena descrição de Alves Pereira, cartas e telegramas de Vieira Natividade, cartas de José Carvalhais escritas durante o decorrer dos trabalhos e notícias colhidas no jornal «Semana Alcobacense».

(2) «Semana Alcobacense» de 4-5-1902.

(3) Arq. Port., vol. VII, p. 146.

mento e do interesse que, desde o início, manifestou a Direcção do Museu Etnológico, devido a dificuldades de ordem burocrática, não foi possível iniciar os trabalhos de escavação e levantamento com a devida urgência. E, em carta datada de 2 de Junho de 1902, Vieira Natividade escrevia, desesperado com a indiferença dos poderes públicos, a Leite de Vasconcelos: «O mosaico está perdido. O sol tem produzido nele uma grande alteração operando como que a contracção dos pequenos cubos que agora se reconhecem serem de especial cimento ou argamaça e, soltando-os portanto, e especialmente nos grandes circos que circundam o quadro central. Este poderá ainda aproveitar, se houver alguma urgência em o salvar. O próprio quadrado em que está a cabeça já está bastante deteriorado e a ramagem verde e azul que encima o pequeno vaso está esmigalhada».

Era este, pois, o estado do curioso mosaico que passaremos a descrever quando, sob a direcção de José Carvalhais, preparador do Museu Etnológico se procedeu em fins de Junho de 1902 ao seu levantamento.

Transportado para o Museu Etnológico (apenas o painel central e alguns pequenos fragmentos da parte restante) só há pouco foi restaurado e assentado no recinto destinado à secção romana daquele Museu (4).

I

Apesar de o mosaico da Póvoa de Cós se reduzir, actualmente, ao painel central ou emblema e alguns fragmentos do campo, a sua reconstituição total é possível fazer-se graças a um esboço que se guarda no Museu Etnológico (fig. 1) feito, certamente, quando da primeira visita de Leite de Vasconcelos ao local, poucos dias depois de ter conhecimento do achado.

Por este esboço vê-se que o mosaico ocupava uma superfície rectangular com 9,08 m de comprimento por 7,40 m de largura (5). Sobre o campo exterior com decoração exclusivamente geométrica a preto, branco e cinzento, destaca-se o emblema com 4,08 m de comprimento por 2,40 m de largo, com representação figurativa. (Est. I).

(4) Com alguns daqueles fragmentos construiu-se novo mosaico, exposto há muito no mesmo recinto.

(5) Segundo indicação à margem, no próprio esboço.

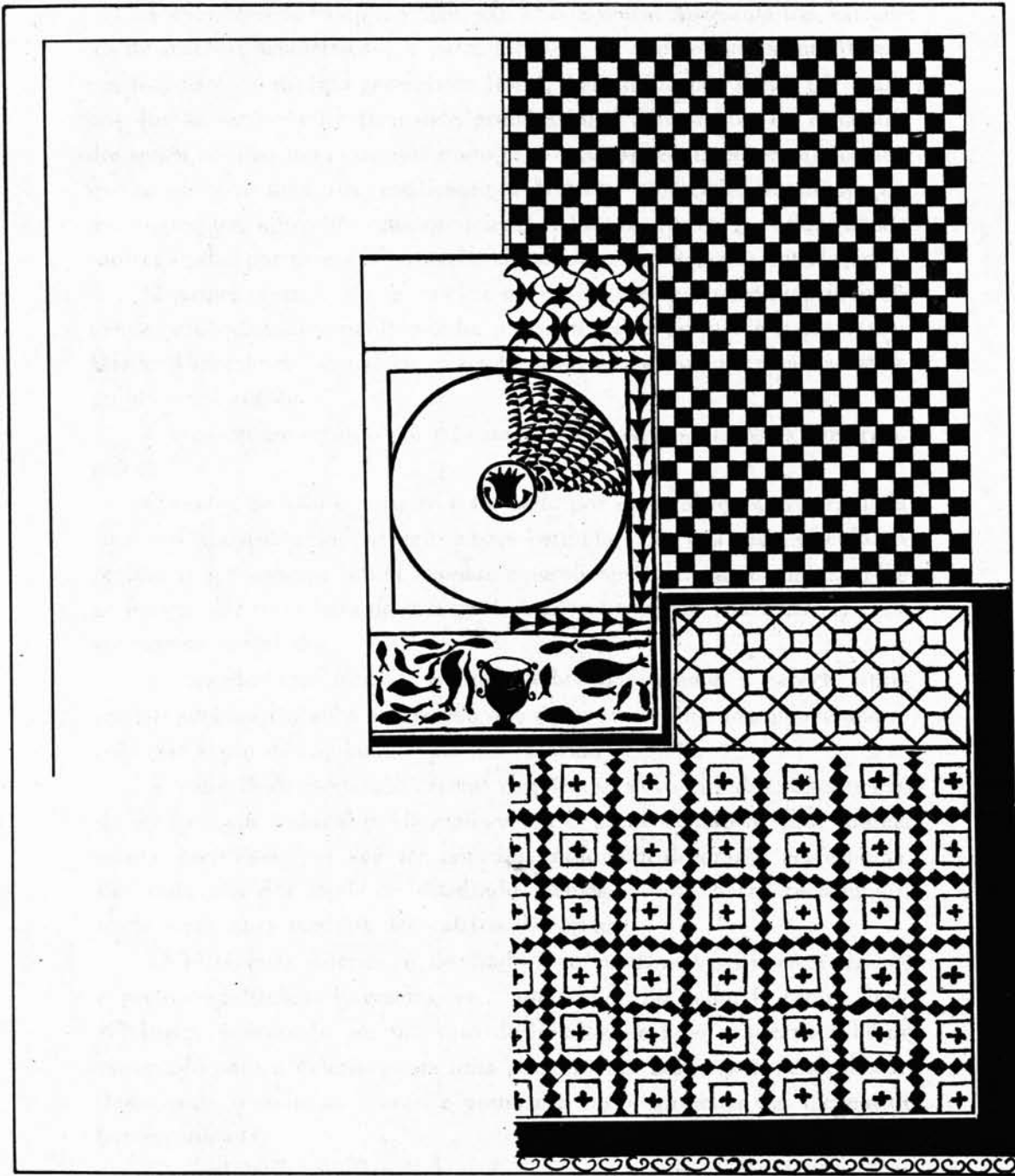


Fig. 1

A decoração do campo, porém, não é homogênea. Apresenta três variantes de motivos geométricos. A parte inferior, de que se guarda no Museu um fragmento, é do tipo geométrico floral, constituído por linhas de losangos que se entrecruzam formando grandes quadrados dentro de cada um dos quais se situa um outro quadrado de contornos rectilíneos e cujo centro é ocupado por uma flor estilizada. A restante superfície, de decoração muito simples, apresenta uma quadrícula a branco e preto; as duas zonas são separadas por uma faixa estreita decorada com octógonos entrelaçados.

O painel central que se destaca do conjunto e que penetra principalmente pelo quadrante quadriculado, parece ter sido destinado a uma finalidade diferente da superfície restante pois encontra-se excepcionalmente polido nesta região.

É também constituído por três zonas distintas mas dispostas simetricamente.

O centro de todo o mosaico é formado por uma cabeça negra, radiada (a coroa é constituída por seis hastes cornudas) inscrita num círculo. A realçar o seu aspecto brutal tesselas amarelo-acastanhadas emolduram-lhe as feições. De cada lado da cabeça destaca-se um búcio (ou chifre?) grosseiramente modelado.

As tesselas que formam o fundo sobre que assenta a cabeça, apresentam uma cor castanho amarelada que parece mais uma tonalidade adquirida por acção das águas do que um colorido original.

À volta deste medalhão central dispõem-se nove círculos concêntricos decorados com triângulos alternadamente a preto e branco. Esta grande roseta inscreve-se, por sua vez num quadrado com decoração em espinha. Em cada um dos topos de quadrado, dispõe-se uma barra rectangular, tendo cada uma motivos decorativos diferentes.

O rectângulo inferior é decorado com motivos marítimos a branco e preto — golfinhos, linguados, etc., em atitude de nado. O centro deste rectângulo é ocupado por um vaso de pé alto, de bojo arqueado e bordo recurvado para o exterior, com uma asa de cada lado; como nota discordante entre o conjunto branco e preto, este vaso apresenta um recheio de cor esverdeada.

O rectângulo superior é ocupado por uma decoração geométrica lembrando ondas do mar estilizadas.

Quanto à interpretação da figura central não há acordo entre os autores. Leite de Vasconcelos ⁽⁶⁾ sugere a hipótese de se tratar da representação duma divindade solar, possivelmente o deus Apolo; Vieira Natividade na sua correspondência e José Carvalhais no relatório que fez da escavação, sugeriram uma interpretação idêntica. Félix Alves Pereira ⁽⁷⁾ porém, diverge daquela opinião, pensando antes tratar-se de uma divindade marítima, hipótese que, contudo, não precisou.

Leite de Vasconcelos e, já anteriormente, Vieira Natividade e José Carvalhais foram levados a emitir aquela opinião certamente sugestionados pela coroa radiada que emoldura a cabeça da divindade. Porém a coroa radiada não é atributo exclusivo das divindades solares; é frequente o seu uso a emoldurar cabeças humanas — imperadores, a partir de Caracala — ou divindades de outra natureza.

O facto de tratar-se de um mosaico cujos motivos figurativos são especialmente marítimos, a sua situação num local próximo do mar ⁽⁸⁾ e o seu provável destino, indicado pelo excessivo polimento da zona central que parece provocado pela permanência continuada de água naquele local, levam-nos a pensar com Félix Alves Pereira, tratar-se antes de uma divindade marítima. Dentre as divindades aquáticas, nenhuma, porém, me aparece harmonizar-se tão bem com a grosseira figura de rosto negro, emoldurada por hastes cornudas como a de um Tritão. A dar força a esta nossa hipótese não faltam, na faixa inferior do emblema, os inseparáveis golfinhos tão queridos destes arautos do mar; e os dois búzios colocados de cada lado do busto, ainda que imperfeitamente esboçados, de modo ne-

⁽⁶⁾ «Arq. Port.», vol. VII, pág. 146 e «Religião da Lusitânica», vol. III, pág. 177.

⁽⁷⁾ Apontamentos.

⁽⁸⁾ Vejamos o que a esse respeito diz Félix Alves Pereira que também visitou o local:

«Na localidade existe a tradição de que no tempo dos romanos (?) o mar chegava perto da Póvoa, indo até lá as embarcações; esta tradição (provavelmente existente já no tempo dos romanos) torna verosímil a minha conjectura (de se tratar de uma divindade marítima) aliando-se com a natureza da alegoria do mosaico. O mar fica hoje a 10 km mas o terreno apresenta uma extensa depressão, cercada de colinas desde a Póvoa de Cós e Maiorga (Maiorca) até além do Valado para as bandas do mar; é o campo de Maiorga. Esta tradição abrange ainda um ponto da Serra de Alvades, a Portela de Pereiro onde se diz que há na rocha umas argolas (!) que serviram para amarração dos navios; este ponto fica hoje a uns 20 km do mar. É pela posição daquela serra que os embarcações se guiam. Do lugar do mosaico avista-se ainda hoje bem o mar».

nhum se podem confundir com cornucópias, como queria Leite de Vasconcelos ⁽⁹⁾. Quando muito lembram dois chifres outro dos atributos destas divindades.

Entre os apontamentos e correspondência trocada sobre este mosaico encontrei ainda a fotografia de um outro mosaico que reproduzo na Est. II, de tipo exclusivamente geométrico, acompanhado da legenda «Mosaico Luso-Romano da Póvoa de Cós» que não deixa dúvidas quanto à sua procedência.

Deve este pequeno mosaico poder identificar-se com um referido por José Carvalhais no seu relatório, de decoração geométrica e empregando apenas o preto e o branco, encontrado quando se procedia ao levantamento do primeiro e que cobria o pavimento de um compartimento contíguo ao daquele e dele separado por uma parede divisória «revestida com um reboco de cal e areia com pintura de ornato de cor vermelha escura, amarela, cinzenta e azul». Deste reboco que não é mais do que uma pintura a fresco, Carvalhais afirma ter colhido alguns fragmentos que a existirem no Museu Etnológico não são actualmente identificáveis.

Ainda refere um fragmento de um terceiro mosaico, também de desenho geométrico a branco e preto, que diz ter encontrado quando explorava um encanamento que passava por baixo do primeiro pavimento.

Com os elementos de que dispomos torna-se difícil fazer a reconstituição do edifício a que pertenciam aqueles pavimentos.

As fontes de que nos servimos são muito deficientes. As notas de Alves Pereira são muito breves; o relatório de José Carvalhais, mais pormenorizado é, contudo, muito confuso ⁽¹⁰⁾.

⁽⁹⁾ Art.^{os} citados.

⁽¹⁰⁾ Transcrevo a parte do relatório de Carvalhais que pode fornecer alguns esclarecimentos: «O conjunto do edifício era cercado exteriormente por um pavimento de 4,50 m de largura, composto de uma argamassa de barro, areia, cal e pequenos pedaços de tijolo e tinha vestígios de ter tido pintura e está coberta de uma camada oleosa ou encerada. Tanto este pavimento como o mosaico no mesmo nível e à profundidade de 0,80 m do solo; a camada do subsolo a um metro de profundidade era composta de arenitos e pequenos calhaus rolados provenientes da desagregação lenta da encosta pelos agentes atmosféricos e para ali conduzidos propositadamente, ou pelas águas pluviais».

II

Blas Taracena na «Ars Hispaniae», no capítulo dedicado à arte romana, pág. 161, coloca o mosaico de Cós (Est. I) no século II ou III da vossa era. Tudo porém no mosaico parece harmonizar-se para o colocar numa época anterior:

A técnica, exclusivamente em «opus tessellatum» ainda que trabalhado com cubos regulares, a falta de colorido, apenas a branco e preto com excepção dessas pequenas manchas de cor do quadro central, a predominância dos motivos geométricos, a pobreza dos elementos figurativos, as dimensões do quadrado central em relação à área do pavimento, parecem-nos suficientes para o colocar ainda dentro da chamada «época de Augusto», possivelmente fins do século I ou, quando muito, século II.

Uma moeda de Augusto encontrada no entulho, extraído do mosaico ⁽¹³⁾ ainda que de modo nenhum se possa considerar elemento suficiente para a determinação da cronologia, não deixa de ser mais um facto a passar a favor da nossa opinião.

(13) «À superfície do terreno e à distância de 10 metros encontrei no entulho extraído do mosaico uma moeda de cobre do reinado de Augusto a qual estava em bom estado de conservação». (Relatório de Carvalhais).

